

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

VALORES, ATITUDES E CONSUMO DE PORNOGRAFIA: ANALISANDO UM MODELO DE MEDIAÇÃO

Rita Castro¹ (✉ up201403361@fpce.up.pt) & Samuel Lins¹

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

A pornografia tem vindo a crescer e está cada vez mais disseminada. Pode definir-se como qualquer material que veicule imagens sexualmente explícitas, exposição de genitália e/ou representação de comportamento sexual, com intuito de desencadear excitação sexual ou fantasia (Morgan, 2011; Short, Black, Smith, Wetterneck, & Wells, 2012; Rasmussen, 2016).

Estudos têm mostrado que o consumo de pornografia está associado a efeitos nefastos e benéficos (e.g., Baumel, Silva, Guerra, Garcia, & Trindade, 2019; Blais-Lecours, Vaillancourt-Morel, Sabourin, & Godbout, 2016; Cooper, 1998; Hare, Gahagan, Jackson, & Steenbeeck, 2014; Watson & Smith, 2012; Wright, Tokunaga, Kraus, & Klann, 2017). Por um lado, a prolongada exposição a conteúdos de carácter pornográfico pode resultar, por exemplo, em perceções erróneas acerca da sexualidade e em atitudes anti-igualitárias, que conferem ao homem o poder de dominar sobre a mulher, na relação sexual, mas também nas restantes áreas da vida (Baumel et al., 2019; Zillmann & Bryant, 1988).

Por outro lado, por exemplo, o consumo de pornografia pode ser benéfico, dado que potencia a fantasia, a inspiração e o prazer (Baumel et al., 2019; Brown, Durtschi, Carroll, Willoughby, 2017; Guerra, Andrade, & Dias, 2004; Rissel et al., 2016). Paralelamente, a exposição prolongada a conteúdos pornográficos pode estar associada a uma maior aceitação do sexo pré-marital, dos relacionamentos sexuais não exclusivos, da percepção da promiscuidade feminina e masculina como natural e do reconhecimento da repressão de desejos sexuais como não sendo saudável (Zillmann & Bryant, 1988).

O comportamento de consumo de pornografia tem sido apontado como determinado pelas atitudes (Guerra et al., 2004). As atitudes são

compostas pelos sentimentos, representações cognitivas e tendências para a ação, influenciando a forma como os indivíduos percebem, avaliam e tomam decisões relativamente ao modo de agir perante um determinado objeto (Krüger, 2013). Assim, as atitudes face ao uso de materiais pornográficos podem favorecer ou refrear o consumo de pornografia (Guerra et al., 2004).

Dado que as atitudes perante a sexualidade determinam o modo como nos comportamos face à vivência da nossa própria sexualidade e dos outros (Pasquali, Souza, & Tanizaki, 1985), importa compreender as atitudes relativamente ao consumo de pornografia. Especificamente, as atitudes, face ao uso de pornografia, parecem ser mais conservadoras na vivência da própria sexualidade (Guerra, Gouveia, Sousa, Lima, & Freires, 2012).

Não obstante a investigação existente, falta estudar a associação dos valores com as atitudes sexuais (Guerra et al., 2012). Os valores influenciam transversalmente a vida das pessoas, tornando-se importante entender a relação entre os valores defendidos como guia de ação e as atitudes relativamente ao consumo de pornografia. Particularmente, pela relação com o comportamento de consumo, pois os valores priorizados podem influenciar o modo como o indivíduo percebe e vive a sua sexualidade (Gouveia, 2016).

A Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2013) assume os valores como guias de orientação desejáveis, que respondem a necessidades humanas básicas. Segundo esta teoria, os valores possuem duas dimensões funcionais principais (tipo de orientação e tipo de motivador). A dimensão do tipo de orientação refere-se ao guia do comportamento e pode ser Pessoal (o indivíduo por si mesmo, foco intrapessoal), Central (o propósito da vida) ou Social (o indivíduo na comunidade, foco interpessoal).

Por sua vez, a dimensão do tipo de motivador refere-se à representação cognitiva das necessidades humanas e pode ser Materialista (a vida são ameaças a superar) ou Humanitária (a vida são oportunidades a vivenciar). Estas dimensões cruzam-se numa matriz, que produz as seis subfunções valorativas (Gouveia, 2016) (ver Figura 1).

Tipo de motivador	Tipo de orientação		
	Pessoal	Central	Social
Humanitário	Experimentação	Suprapessoal	Interativa
	Emoção	Beleza	Afetividade
	Prazer	Conhecimento	Apoio social
	Sexualidade	Maturidade	Convivência
Materialista	Realização	Existência	Normativa
	Êxito	Estabilidade	Obediência
	Poder	Saúde	Religiosidade
	Prestígio	Sobrevivência	Tradição

Figura 1. Espaço representacional dos Valores Humanos Básicos (Gouveia, 2016)

Na parte superior da matriz, temos as subfunções cujo motivador são necessidades humanitárias. A subfunção Experimentação, com orientação pessoal, integrando os valores: Emoção, Prazer e Sexualidade; a subfunção Suprapessoal, com orientação central, integrando os valores: Beleza, Conhecimento e Maturidade; e a subfunção Interativa, com orientação social, integrando os valores: Afetividade, Apoio social e Convivência.

Já na parte inferior, encontramos as subfunções cujo motivador são necessidades materialistas. A subfunção Realização, com orientação pessoal, integrando os valores: Êxito, Poder e Realização; a subfunção Existência, com orientação central, integrando os valores: Estabilidade, Saúde e Sobrevivência; e, por fim, a subfunção Normativa, com orientação social, integrando os valores: Obediência, Religiosidade e Tradição (Gouveia, 2016).

De facto, os valores têm um papel preponderante nas atitudes e comportamento sexual, sendo a subfunção Normativa (e.g., Religiosidade) a mais associada (Beckwith & Morrow, 2005), bem como, a subfunção Experimentação (Guerra et al., 2012). Estas aparecem associadas às perspetivas face à sexualidade, sendo a postura mais conservadora associada à subfunção Normativa e a mais liberal associada à subfunção Experimentação (Guerra & Gouveia, 2011). A subfunção Normativa está relacionada com visões conservadoras da sexualidade, nomeadamente do uso de pornografia. Já as subfunções Realização e Experimentação relacionam-se com uma visão mais liberal (Guerra et al., 2012). Neste

sentido, a presente investigação objetivou verificar se as atitudes face à pornografia medeiam a relação entre os valores e o consumo de pornografia.

MÉTODO

Participantes

Participaram no estudo 665 adultos portugueses (406 do género feminino, 253 do género masculino e seis de outro género), com idade média de 25.72 anos ($DP=8.85$). Quanto à orientação sexual, a maioria dos participantes reporta orientação heterossexual ($n=540$). No que concerne ao consumo de pornografia concluiu-se que apenas 12.63 % das pessoas indicou nunca ter consumido pornografia ($n=84$).

Material

Escala de atitudes face ao uso de materiais pornográficos. Esta escala, composta por 27 itens, foi desenvolvida por Guerra e colaboradores (2004) e mensura as atitudes face à pornografia. Encontra-se dividida em duas secções. Primeiro, a escala de atitudes de diferencial semântico, com três itens, num contínuo de cinco pontos, com as palavras *Nocivo-Benéfico*; *Desagradável-Agradável* e *Imprudente-Prudente* ($\alpha=.87$).

Depois, a escala de efeitos positivos, com 12 itens (e.g., *Eu usaria materiais pornográficos para aumentar o meu prazer sexual.*; *É correto utilizar materiais pornográficos para ter mais fantasias.*; $\alpha=.92$); e a escala de efeitos negativos, com 12 itens (e.g., *O uso de materiais pornográficos prejudica a formação sexual dos indivíduos.*; *Os materiais pornográficos tornam o sexo banal.*; $\alpha=.87$), respondida numa escala tipo Likert de cinco pontos (1=*discordo totalmente*; 5=*concordo totalmente*).

Questionário dos Valores Básicos. Usou-se a versão adaptada à população portuguesa (Marques, Silva, Taveira, & Gouveia, 2016), com 18 itens, que mensuram quanto cada valor é um princípio guia na vida dos indivíduos. Cada item apresenta uma descrição (e.g., *PRAZER. Desfrutar*

da vida; satisfazer todos os seus desejos.), sendo respondido numa escala tipo Likert de cinco pontos (1=*totalmente não importante*; 5=*totalmente importante*). Os 18 itens traduzem os 18 valores, segundo as seis subfunções valorativas: Experimentação ($\alpha=.62$), Realização ($\alpha=.64$), Suprapessoal ($\alpha=.60$), Existência ($\alpha=.60$), Interativa ($\alpha=.53$) e Normativa ($\alpha=.60$).

Consumo de materiais pornográficos. Os participantes foram solicitados a indicar se alguma vez consumiram materiais pornográficos (e.g., revistas, livros, *sites* pornográficos)? (*sim; não*). Se sim, foi solicitado que indicassem quão frequentemente consomem materiais pornográficos (1=*nunca*; 10=*mais de uma vez por dia*).

Procedimentos

No início do questionário apresentou-se o consentimento informado, onde foi explicitado o propósito do estudo, a salvaguarda da confidencialidade e do anonimato, bem como, a participação ser voluntária. A recolha de dados decorreu entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019, através de um questionário *online*. O questionário foi divulgado nas redes sociais e enviado via *e-mail* para várias universidades e institutos do país, bem como, organizações relacionadas com a área da sexualidade humana.

RESULTADOS

Considerando o conteúdo da subfunção Experimentação, explorou-se se as atitudes mediavam a relação entre a priorização dos valores de Experimentação (variável independente) e a frequência de consumo de pornografia (variável dependente) (ver Figura 2). Para tal usou-se a macro PROCESS para SPSS com o modelo quatro (Hayes, 2013) utilizando 10000 amostras de *bootstrap*. Importa destacar que esta análise foi realizada apenas com aqueles que indicaram já ter consumido pornografia pelo menos uma vez ($n=581$).

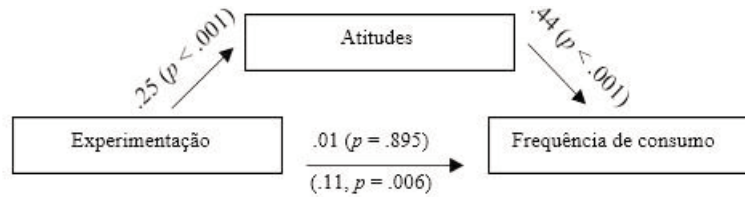


Figura 2. Modelo de mediação

Verificou-se um efeito indireto significativo das atitudes na relação entre a subfunção Experimentação e a frequência de consumo, $\beta = .10$, $p < .001$, IC 95 % [.25;.54], explicando 19.71 % da variância. Tal denota que a priorização dos valores de Experimentação (Emoção, Prazer e Sexualidade) leva a uma atitude mais favorável face à pornografia que, por sua vez, influencia a frequência de consumo.

DISCUSSÃO

Os resultados permitiram concluir que os valores impactam as atitudes face à pornografia. Concretamente, a priorização dos valores da subfunção Experimentação resulta em atitudes positivas face à pornografia, que resulta num incremento da frequência de consumo de pornografia.

Tais resultados vão ao encontro da literatura que mostra que a subfunção Experimentação se relaciona com as atitudes e comportamento sexual, estando associada a perspectivas mais liberais (Beckwith & Morrow, 2005; Guerra & Gouveia, 2011; Guerra et al., 2012; Rechter & Sverdlik, 2016). Como explicitado, a subfunção Experimentação pertence ao tipo de orientação Pessoal, que coloca a ênfase no próprio indivíduo, satisfação de necessidades, metas e benefícios próprios (Gouveia, 2013).

Os valores da subfunção Experimentação refletem a necessidade de sexo, gratificação e prazer (Gouveia, 2013). Enfatizando estas necessidades pode compreender-se porque predizem atitudes positivas face à pornografia, pois a pornografia poderá representar uma forma de satisfação das necessidades de excitação, sexo e prazer, resultando em atitudes positivas face ao consumo de materiais pornográficos.

Ademais, o modelo de mediação clarificou a relação da tríade valores-atitudes-comportamento. Os valores priorizados impactam as atitudes face à pornografia que orientam a tendência para a ação, ou seja, para o consumo de pornografia. Ao verificar-se esta tríade evidencia-se a estreita relação entre variáveis psicossociais (valores e atitudes) e comportamento (consumo de materiais pornográficos), podendo concluir-se que o contexto social, valores e atitudes, influencia a vivência da sexualidade ao impactar o comportamento relativamente à pornografia.

Por fim, notar que os resultados encontrados poderão não ser representativos da população portuguesa em geral, dado a amostra ser bastante jovem e escolarizada, com formação maioritariamente superior. Sugere-se, futuramente, estudar como os valores se relacionam com a vivência real dos efeitos do consumo de pornografia, procurando compreender quais os valores que poderão conduzir a um consumo de pornografia e a uma vivência sexual saudável.

REFERÊNCIAS

- Baumel, C., Silva, P., Guerra, V., Garcia, A., & Trindade, Z. (2019). Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências. *Psico-USF*, 24(1), 131-144. doi: 10.1590/1413-82712019240111
- Beckwith, H., & Morrow, J. A. (2005). Sexual attitudes of college students: The impact of religiosity and spirituality. *College Student Journal*, 39(2), 357-366.
- Blais-Lecours, S., Vaillancourt-Morel, M.-P., Sabourin, S., & Godbout, N. (2016). Cyberpornography: Time use, perceived addiction, sexual functioning, and sexual satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(11), 649-655. doi: 10.1089/cyber.2016.0364
- Brown, C. C., Durtschi, J. A., Carroll, J. S., & Willoughby, B. J. (2017). Understanding and predicting classes of college students who use pornography. *Computers in Human Behavior*, 66, 114-121. doi: 10.1016/j.chb.2016.09.008
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the new millennium. *CyberPsychology & Behavior*, 1(2), 187-193. doi: 10.1089/cpb.1998.1.187

- Gouveia, V. (2016). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Áreas de estudo e aplicações*. São Paulo: Vetor.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guerra, V. M., Andrade, F. C. B., & Dias, M. R. (2004). Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia, 9*(2), 269-277. doi: 10.1590/S1413-294X2004000200008
- Guerra, V. M., & Gouveia, V. V. (2011). Sexo antes ou depois? A influência dos valores humanos e da experiência sexual no liberalismo/conservadorismo sexual. In S. C. S. Fernandes, C. E. Pimentel, V. V. Gouveia, & J. L. Álvaro (Eds.), *Psicologia Social: Perspectivas atuais e evidências empíricas* (pp. 225-251). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Sousa, D. M., Lima, T. J., & Freires, L. A. (2012). Sexual Liberalism-Conservatism: The effect of human values, gender, and previous sexual experience. *Archives of Sexual Behavior, 41*(4), 1027-1039. doi: 10.1007/s10508-012-9936-4
- Hare, K., Gahagan, J., Jackson, L., & Steenbeeck, A. (2014). Perspectives on “pornography”: Exploring sexually explicit Internet movies’ influences on Canadian young adults’ holistic sexual health. *The Canadian Journal of Human Sexuality, 23*(3), 148-158. doi: 10.3138/cjhs.2732
- Hayes, A. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: The Guilford Press.
- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (2ª ed., pp. 261-308). Brasília: Technopolitik.
- Marques, C., Silva, A. D., Taveira, M. C., & Gouveia, V. (2016). Functional theory of values: Results of a confirmatory factor analysis with Portuguese youths. *Interamerican Journal of Psychology, 50*(3), 392-401. doi: 10.30849/rip/ijp.v50i3.111
- Morgan, E. M. (2011). Associations between young adults’ use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction. *Journal of Sex Research, 48*(6), 520-530. doi: 10.1080/00224499.2010.543960
- Pasquali, L., Souza, M. S. C., & Tanizaki, T. Y. (1985). Escala de atitude diante da sexualidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1*(2), 175-194.
- Rasmussen, K. (2016). A historical and empirical review of pornography and romantic relationships: implications for family researchers. *Journal of Family Theory and Review, 8*, 173-191. doi: 10.1111/jftr.12141

- Rechter, E., & Sverdlik, N. (2016). Adolescents' and teachers' outlook on leisure activities: Personal values as a unifying framework. *Personality and Individual Differences, 99*, 358-367. doi: 10.1016/j.paid.2016.04.095
- Rissel, C., Richters, J., de Visser, R. O., McKee, A., Yeung, A., & Caruana, T. (2016). A profile of pornography users in Australia: Findings from the second Australian study of health and relationships. *The Journal of Sex Research, 00(00)*, 1-14. doi: 10.1080/00224499.2016.1191597
- Short, M. B., Black, L., Smith, A. H., Wetterneck, C. T., & Wells, D. E. (2012). A review of Internet pornography use research: Methodology and content from the past 10 years. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 15(1)*, 13-23. doi: 10.1089/cyber.2010.0477
- Watson, M. A., & Smith, R. D. (2012). Commentary – Positive porn: Educational, medical, and clinical uses. *American Journal of Sexuality Education, 7(2)*, 122- 145. doi: 10.1080/15546128.2012.680861
- Wright, P. J., Tokunaga, R. S., Kraus, A., & Klann, E. (2017). Pornography consumption and satisfaction: A meta-analysis. *Human Communication Research, 43*, 315-343. doi: 10.1111/hcre.12108
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1988). Effects of prolonged consumption of pornography on family values. *Journal of Family Issues, 9(4)*, 518-544. doi: 10.1177/019251388009004006